

Introdução

A primeira obra de Hannah Arendt foi sua dissertação intitulada *O Conceito de Amor em Santo Agostinho*. Ela foi escrita quando a autora estudava na Alemanha sob orientação de Martin Heidegger e, posteriormente, de Karl Jaspers. Nesta obra ela segue a tendência de seus orientadores de buscar nos filósofos cristãos, como Agostinho, fontes para repensar o problema da existência. “Havia, à época, todo um entusiasmo em investigar as obras do bispo de Hipona nos meios acadêmicos e filósofos alemães, igualmente entre teólogos católicos e protestantes.”¹

Arendt estava interessada no Agostinho filósofo que discorreu sobre o amor. O conceito de *amor mundi*, amor ao mundo, apresentado pela autora nessa obra permeará toda sua produção futura. Neste momento, sua preocupação não era política, era filosófica e existencial. Ela encontrará na noção de amor ao próximo, trabalhada no terceiro capítulo da dissertação, a chave para pensar a existência humana em sua condição plural, a vida em sociedade. Na dissertação os conceitos de memória, início (ou começo – são dois termos sinônimos usados pelos tradutores nas obras que utilizo nesta dissertação) e nascimento, de inspiração agostiniana, são utilizados por Arendt para pensar o Ser em relação com sua origem.

A experiência traumática da Segunda Guerra Mundial, em especial a existência dos campos de concentração, levou a autora a alterar sua trajetória intelectual. Sua reflexão sobre os acontecimentos que marcaram este período deu origem à obra *Origens do Totalitarismo*. Nela a autora adentra ao campo da política e da reflexão historiográfica. Em obras posteriores, a autora dará continuidade à sua reflexão política, algo que se pode perceber em textos como *A Condição Humana*, nos ensaios reunidos em *Entre o Passado e o Futuro* e em *Da Revolução*.

Neste projeto buscarei demonstrar como a leitura de Agostinho foi fundamental para que Hannah Arendt chegasse aos conceitos-chave que, reformulados posteriormente, levaram-na a desenvolver uma concepção de política cuja razão de ser é a liberdade. À medida que seu pensamento será marcado pela

¹ CARNEIRO JR., Renato Augusto. O Amor na política: um diálogo entre Hannah Arendt e Santo Agostinho. História: Questões & Debates. Curitiba: Editora UFPR. N.46, p.31-50, 2007. p.33

recuperação do caráter inaugural da ação, tentarei demonstrar como o conceito de natalidade, de inspiração agostiniana, foi essencial nessa trajetória. Procurarei também evidenciar como este mesmo conceito de natalidade será determinante para a construção de uma temporalidade propriamente política que permite à autora pensar a novidade, e transitar entre passado e futuro mantendo sua preocupação no presente.

Hannah Arendt identificou na modernidade uma crise da tradição e tomou esta crise como um momento privilegiado para a elaboração de uma nova ciência da política. A autora acreditava que a política havia perdido sua dignidade própria e por meio de uma volta às experiências políticas originais, buscou repensar essa dignidade propriamente política. Foi no pensamento de Agostinho que Arendt encontrou conceitos chaves que, reformulados, auxiliaram na construção de sua concepção de política que dá ênfase à novidade, à ação, à pluralidade, e à liberdade. O pensamento e a experiência cristã permitiram a Arendt pensar a fé e a esperança relacionadas à natalidade e à liberdade. Neste sentido, a investigação dessas influências permite traçar um fio condutor que demonstra a passagem da autora de uma primeira fase de sua carreira, dedicada à filosofia existencialista de viés heideggeriano², para uma segunda fase dedicada a reflexão do político e atravessada pelo conceito de natalidade.

² Nessa dissertação defendo a ideia de que a primeira obra de Arendt, *O Amor em Santo Agostinho*, tem um viés existencialista. No entanto, a partir dos anos 50, Arendt irá criticar o que ela chama de “filosofia da *Existenz*”. Esta filosofia teria alcançado um grau de consciência ainda insuperado, na Alemanha do pós-guerra, com Scheler, Heidegger e Jaspers. Em *A Dignidade da Política*, encontramos um capítulo intitulado “O que é a filosofia da *Existenz*?”, no qual a autora diz que “O termo “*Existenz*” indica, em primeiro lugar, nada mais do que o ser do homem, independentemente de todas as qualidades e capacidades que possam ser psicologicamente investigadas.” (p.15) Arendt ressalta que antes da modernidade, Ser e pensamento eram considerados idênticos. Quando essa identificação é rompida a essência deixa de ser relacionada à existência e a filosofia moderna afasta-se das ciências que investigam o “Quê” das coisas. Heidegger é um dos autores que busca criar um novo conceito de Ser, que Arendt irá criticar nesse capítulo. Ele caracteriza o “Ser do Homem como ser-no-mundo”, e a questão para este Ser é manter-se no mundo, mas isto lhe é negado, assim ele é caracterizado “pela ansiedade no duplo sentido de desabrigo e medo. Na ansiedade, que é fundamentalmente ansiedade perante a morte, o não-estar-em-casa no mundo torna-se explícito”. (P.30) “A característica mais essencial deste Eu é seu absoluto egoísmo, sua separação radical de todos os seus pares.” (P.32) Veremos que Arendt seguirá por outro caminho focando justamente na pluralidade humana, no Ser entre seus pares, mas nem por isso devemos desprezar a contribuição de Heidegger para a obra da autora. A autora conclui com uma crítica final: “formalmente expresso, o Ser é transcendência, e como tal, uma ‘realidade sem transformação em possibilidade’[...], o Ser como tal é incognoscível, ele deve ser experimentado apenas como algo que nos “envolve”. Assim a própria antiga busca de uma ontologia está liquidada.” (P. 36) Apesar de sua crítica posterior, considero que, no momento da dissertação, Arendt fora muito influenciada pelo existencialismo. Seus dois orientadores neste período, Heidegger e Jaspers, são considerados pela própria autora como dois grandes nomes da filosofia do *Existenz*. E a influência deles em sua obra, em especial a de Heidegger, já foi apontada por diversos estudiosos, como veremos nesta dissertação. Arendt

A temporalidade agostiniana examinada por Hannah Arendt em sua dissertação *Amor em Santo Agostinho*, foi essencial para a caracterização do ser humano como um ser natal. O contato da autora com o tempo agostiniano foi inicialmente mediado por Heidegger, assim encontramos na dissertação uma análise de viés existencialista, em que a memória aparece como um conceito essencial para se pensar a existência humana como temporal. Todavia, a autora se distancia de Heidegger, pois este, ao considerar o homem temporal, foca na mortalidade humana.³ A análise do tempo agostiniano por Arendt a levará em outra direção. A memória nos leva de volta as nossas origens, aonde devemos procurar os fatos definidores de nossa existência. Para Arendt o fato definidor do homem é o nascimento, e não a morte.

A autora considerou que Heidegger não havia levado sua investigação longe o suficiente, pois ele não apresentou a força do passado e a presença de inícios. Para Arendt, notadamente a partir de sua obra *A Condição Humana*, nós somos fundamentalmente moldados pelas condições de nosso nascimento. É por nosso nascimento um início – ou um começo – e uma novidade, que somos capazes de começar algo novo. Nessa dissertação buscarei demonstrar como a atenção dada ao

segue um caminho diferente de Heidegger, ela foca no nascimento e não na morte. Acredito que esta mudança de foco é melhor compreendida por seu interesse pelo amor e pela vida em sociedade, à qual ela relaciona o amor ao próximo, e não por uma tentativa de se afastar da filosofia existencialista. Afinal, nesta obra a autora acabará por determinar o nascimento como fato definidor da existência humana. Procurarei demonstrar, que seu afastamento da filosofia existencialista se deve, em princípio, ao seu interesse pela reflexão política que se apresentará a partir de *As Origens do Totalitarismo*.

³ De acordo com Benedito Nunes, quando Heidegger estuda a constituição existencial do *Dasein* (o Ser-aí), em *Ser e Tempo*, ele afirma acerca do caráter ontológico da existência humana, que o *Dasein* tem como sua primeira possibilidade um *estado de ânimo* – a abertura afetiva que condiciona a imediata compreensão de si mesmo e do mundo, e a qual é inerente dada compreensão do Ser. As categorias utilizadas por Heidegger – o encontrar-se existindo, a compreensão, e a interpretação – derivam de um fenômeno originário, a “pré-ocupação”, por onde se descerra um segundo fenômeno, a morte, e um terceiro, o tempo, que aponta a direção na qual a pergunta do Ser adquire sentido, a direção da temporalidade da existência. Esta compreensão do ser faz parte do movimento temporal de sua existência. NUNES, Benedito. *O Dorso do tigre*. -2.ed.- São Paulo: Editora Perspectiva, 1976, p.84 e 85. No capítulo de Nunes, em *Artepensamento*, encontramos a seguinte passagem a esse respeito: “Ser humano é ser temporal. Por isso, a temporalidade é não só a condição da possibilidade de representar várias modalidades do tempo, como também a condição de possibilidade da compreensão do ser. Temporalidade significa igualmente o caráter histórico do *Dasein*, o acontecer de sua existência, embrionário no futuro e passado persistindo no presente. Daí a finitude do homem, mortal e sem fundamento último, metafísico ou teológico.” NUNES, Benedito. *Poética do pensamento*. In: NOVAES, Adauto (org.). *Artepensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 393. É importante ressaltar que evidencio aqui a influência de Agostinho em Heidegger, mas o conceito de tempo heideggeriano teve grande influência de Aristóteles. Contudo, esta é uma discussão que não cabe aqui. A este respeito, ver, por exemplo: FRANCO, Volpi. “Heidegger e Aristóteles”; tradução de José Trindade dos Santos. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

nascimento se liga à preocupação da autora com a política, e como foi importante para sua inserção neste campo.

A crítica à vida contemplativa feita por Hanna Arendt em *A Condição Humana* reflete, segundo Young-Bruehl, uma década de questionamento. No capítulo 1, partes 2 e 3 dessa obra, Arendt debate o rebaixamento da vida ativa em relação à vida contemplativa iniciado pela escola socrática, e sancionado pelo cristianismo. Esse rebaixamento teria sido motivado pela constatação de que a obra de mãos mortais jamais pode ser imortal, tornando fútil a busca por imortalidade terrena e transformando a vida ativa em serva da contemplação. Assim, Arendt indaga: “Como devemos considerar os eventos políticos, o reino político, seriamente?”⁴ No início dos anos 50, a autora começou a elaborar uma nova reflexão sobre o político para um mundo em que os eventos – as guerras, o totalitarismo, os campos de concentração – demandavam séria atenção dos filósofos. Para ela, o século XIX havia produzido não apenas uma nova ciência política, mas também um novo conceito de história que, interpretando os agentes históricos e seus papéis no quadro da necessidade, perdia de vista a capacidade política mais importante dos homens: a ação, a capacidade de começar algo novo cujo resultado é imprevisível.

Já a partir de *Origens do Totalitarismo* o tema da natalidade aparecera relacionado com o agir e a liberdade. Ao agir o homem inicia um processo cujo fim não pode ser previsto. Esta relação aparecerá de maneira recorrente em sua obra. Desde então, considerar o homem como um ser que age e procurar as condições para a ação humana se tornarão tarefas centrais da nova reflexão sobre o político de Arendt. A questão da pluralidade humana será abordada pela autora em *A Condição Humana*, e *Entre o Passado e o Futuro*. Segundo Young-Bruehl⁵, Arendt manteve uma vigília sobre a ação. Ela levantou a questão do significado da ação humana, mantendo vigilância sobre as palavras e os feitos do homem.

Pretendo analisar como Agostinho transita em todo o percurso intelectual de Arendt. Como a recuperação do significado do conceito de ação – perdido pela tradição – via conceito de natalidade de inspiração agostiniana, teria auxiliado um

⁴ YOUNG-BRUEHL, Elizabeth. Hannah Arendt: For Love of The World. - 2ed.- Connecticut: Yale University Press, 2004. p.322

⁵YOUNG-BRUEHL, Elizabeth. Hannah Arendt: For Love of The World. - 2ed.- Connecticut: Yale University Press, 2004. p. 326

afastamento da filosofia existencialista de viés heideggeriano, e contribuído para firmar a concepção arendtiana de política, que destaca o princípio da novidade, e cuja razão de ser é a liberdade? Para responder essa questão, irei analisar a influência de Agostinho em seu pensamento explicitando a passagem entre a tese sobre o amor, escrita sob influência de Heidegger, até *A Condição Humana*, *Entre o Passado e o Futuro*, e *Da Revolução*. Centrarei minha investigação especialmente no conceito de natalidade, mas também nos de início/começo, memória e liberdade. Com o auxílio da biografia de Young-Bruehl, e da fortuna crítica a respeito das relações de Hannah Arendt com Heidegger e Agostinho, tentarei investigar a importância do conceito de natalidade agostiniano na passagem realizada pela autora. Demonstrarei como a leitura de Agostinho foi fundamental para que Hannah Arendt chegasse a conceitos-chaves para desenvolver sua concepção de política cuja razão de ser é a liberdade, marcada pela recuperação do caráter inaugural da ação, assim como para a determinação da temporalidade que permite à autora transitar entre passado e futuro mantendo sua preocupação no presente.⁶

Início meu primeiro capítulo apresentando brevemente a dissertação de Hannah Arendt, *O Conceito de Amor em Santo Agostinho*. Em seguida, traço a trajetória intelectual que direcionou a autora para os estudos de Agostinho de Hipona. Passo então para as leituras restritivas existentes sobre a dissertação e encerro com uma investigação dos conceitos de nascimento e início/começo nesta obra de Arendt. No segundo capítulo, faço minha própria análise da dissertação. Comparo a versão original do texto com a versão revisada, que só foi publicada postumamente, focando especialmente na discussão dos conceitos de nascimento, memória, e *initium*. Fecho o capítulo com uma investigação dentro das obras agostinianas das citações utilizadas por Arendt que nos interessam nesta pesquisa. Por fim, no terceiro capítulo analiso a formação do pensamento político e historiográfico de Hannah Arendt, sigo com uma discussão sobre a elaboração de sua concepção de política e termino com uma investigação da presença de Agostinho nas obras *Origens do totalitarismo*, *Entre o Passado e o Futuro*, *A*

⁶ No Brasil, a relação entre Hannah Arendt e Heidegger faz parte de um eixo importante dos estudos arendtianos, especialmente a partir da obra de André Duarte *Pensamento à Sombra da Ruptura: política e filosofia em Hannah Arendt* e, posteriormente, Eduardo Jardim, em *Hannah Arendt: pensadora da crise e de um novo início*. No que se refere a relação entre Arendt e Agostinho, a bibliografia brasileira ainda é pequena. A este respeito ver, por exemplo, a dissertação em filosofia de Fabio Evaristo Resende intitulada “Natalidade e Política no Pensamento de Hannah Arendt” e *Hannah Arendt: Ética & Política*, de Eugênia Sales Wagner.

*Condição Humana e Da revolução*⁷. Na conclusão procuro determinar, afinal, qual teria sido o papel de Agostinho, e mais especificamente do conceito de nascimento, na mudança do pensamento arendtiano, de uma fase mais filosófica para outra política.

⁷ Deixo de fora a última obra de Arendt, que ficou incompleta, chamada *A Vida do Espírito*. Embora a presença de Agostinho nesta obra seja marcante, sendo este um dos textos da autora em que o bispo de Hipona mais aparece, incluir aqui uma análise de *A Vida do Espírito* fugiria ao tema proposto por esta pesquisa. Meu objetivo aqui é analisar a mudança pela qual a autora passa entre sua dissertação e *Origens do Totalitarismo*. *A Vida do Espírito* é um livro no qual Arendt retoma a investigação filosófica, se afastando da reflexão política. De fato, Young-Bruehl aproxima esta obra de Arendt de sua dissertação, como sendo as duas grandes obras arendtianas dedicadas ao pensamento filosófico, opondo-as às demais obras que fazem parte da discussão política e historiográfica da autora. Sendo assim, incluir aqui uma análise da *A Vida do Espírito* importaria investigar ainda outra alteração de percurso da trajetória intelectual de Hannah Arendt, algo que extrapolaria o escopo deste trabalho. Essa obra será citada apenas quando as ligações com o tema aqui analisado forem explícitas.